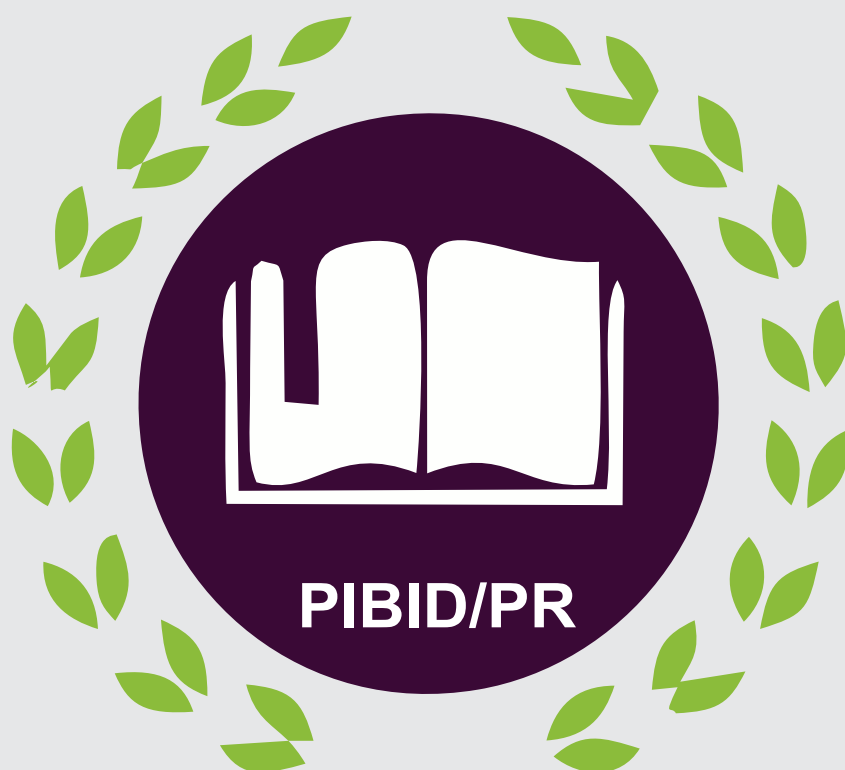


# II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

## Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

## A PLURALIDADE CULTURAL DAS LUTAS INDÍGENAS NA ESCOLA

Camila da Silva Virgilio<sup>1</sup>  
Fabio Arnold Caetano<sup>1</sup>  
Keith Sato Urbinati<sup>2</sup>  
Luiz Rogério Albuquerque<sup>3</sup>

**RESUMO:** Nosso relato de experiência foi um trabalho desenvolvido em uma escola pública de Curitiba, com duas turmas de 9º ano do ensino fundamental II através do Projeto de Iniciação à Docência (PIBID), onde oportunizou o conhecimento e a prática das Lutas Indígenas pelos alunos. O objetivo foi o desenvolvimento da pluralidade cultural pelo resgate da cultura indígena. Realizamos um trabalho interdisciplinar entre educação física, artes e história.

**PALAVRAS – CHAVE:** Escola. Lutas Indígenas. Educação Física

### INTRODUÇÃO

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002) o tema transversal ‘pluralidade cultural’ deveria ser trabalhado no ambiente escolar. Dentre diferentes povos que formam a população brasileira, os indígenas brasileiros tem uma grande contribuição sócio cultural brasileira.

Na escola, dentre as diversas disciplinas, a Educação Física é um importante agente de reconhecimento, valorização e transformação social, o que nos faz refletir sobre como trabalhar com o tema pluralidade cultural, especialmente com povos indígenas.

Dentre os diversos conteúdos da educação física escolar, o conteúdo de lutas visa à vivência dos alunos nessa prática corporal, de tal forma que venha a contribuir para seu desenvolvimento integral (LEITE, BORGES, DIAS, 2012). Segundo os PCNS (1998, p.70):

As lutas são disputas em que os oponentes devem ser subjugados, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e deslealdade. Podem ser citados exemplos de luta as brincadeiras de cabo de guerra e braço de ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do Caratê.

No ano de 2013 realizamos um trabalho sobre lutas indígenas na disciplina de Teoria e Prática de Lutas no curso de Licenciatura em Educação Física da PUCPR. Apesar do pouco

335

<sup>1</sup> Acadêmicos de Licenciatura em Educação Física do Projeto de Iniciação à Docência (PIBID, PUCPR).

<sup>2</sup> Grupo de Pesquisa em Comportamento Motor, PUCPR.

<sup>3</sup> Coordenador do Projeto PIBID – Educação Física, PUCPR

material, resgatamos alguns levantamentos. No fichamento de trabalhos científicos observamos a dificuldade na descrição de lutas indígenas, uma vez que a corporalidade indígena é muitas vezes repassada através da oralidade e práticas corporais (SANETO; ANJOS, 2012).

Realizou-se então de forma interdisciplinar um trabalho conjunto entre os Projeto de Iniciação a Docência (PIBIDs) de educação física, história e disciplina de artes para implantar o tema pluralidade cultural através das lutas indígenas. Assim, o nosso projeto ocorreu em duas distintas fases: Na fase (1) de pesquisa realizamos levantamento bibliográfico sobre aspectos históricos, culturais e de movimento indígena. Na fase (2) houve a implementação de cinco aulas ministradas pelos acadêmicos de educação física e história para duas turmas de nono ano de uma escola estadual de Curitiba/PR. Deste modo, o objetivo do nosso projeto foi realizar uma intervenção sobre lutas indígenas no ambiente escolar.

## DESENVOLVIMENTO

Na fase 1 realizamos pesquisas sobre a temática. Os acadêmicos PIBID de história realizaram levantamento referente aos contextos históricos, culturais, direitos dos índios e órgãos competentes que protegem estas etnias. Os acadêmicos PIBID de educação física sobre as lutas indígenas e artes sobre as vestimentas e ornamentos.

Após levantamento científico observamos que as lutas indígenas são pouco descritas. Apenas em algumas aldeias indígenas no Brasil. Poucos trabalhos foram aplicados na educação física escolar, como por exemplo, o de Coelho (2010). O autor Coelho, (2010) coloca como proposta utilizar nas aulas de educação física discussões sobre os costumes e tradições indígenas. Ainda observamos a luta *Huka-Huka* tradicional das Tribos *Kamayura* (JUNQUEIRA; VITTI, 2009; GRANDO, AGUIAR e OLIVEIRA, 2009) e as duas lutas o “Derruba Toco” e “Briga de Galo” (COELHO, 2010).

Para melhor compreensão do tema estudado, realizamos visitas em duas aldeias. A Aldeia *Araçáí*, etnia *Guarani*, na cidade de Piraquara, PR. Infelizmente fomos até a aldeia, mas não conseguimos realizar a pesquisa.

A segunda aldeia foi à aldeia urbana no bairro Tatuquara em Curitiba, a Aldeia *Kakané Porã*. Segundo entrevista, na aldeia não são realizadas atividade de lutas indígenas, alguns alunos realizavam uma luta parecida com a Briga de Galo. A aldeia foi modernizada por estar próxima à cidade. A modernização e perda da identidade cultural de povos indígenas são apresentadas por

Grando et al (2007), Silva e Cabral (2006), Saneto e Anjos (2012), muitos relatos de atividades de lazer são similares ao do homem branco.

Seguindo a idéia de Coelho (2010), ficou então decidida após as pesquisas a aplicação de três estilos de lutas indígenas (Briga de Galo, Derruba Toco e Huka-Huka), na educação física escolas, uma vez tendo as lutas como um dos eixos norteadores dos PCNs.

**A briga de galo** é uma luta realizada pela etnia *Manchineri* no Acre, onde a luta consiste em dois adversários se enfrentando em um círculo que mais ou menos 8 metros de diâmetro, os dois devem iniciar a luta com o tronco flexionado até altura da linha da cintura, ficando com as duas mãos na parte posterior da coxa com joelhos também flexionados. É proibido o uso das mãos e o objetivo é empurrar o adversário para fora do círculo usando apenas o tronco, ganhando o lutador que ficar dentro do círculo (COELHO, 2010).

A luta **Derruba toco** é também conhecida como luta do *Maracá* pelos índios *Tupinambás*. Realizada pelos índios *Pataxós* de Minas Gerais e da Bahia. Também com um círculo de cerca de 8 metros de diâmetro, um pedaço de toco de árvore fica ao centro do círculo, havendo duas maneiras de vencer a luta, derrubando o toco com alguma parte do corpo do adversário ou empurrando o oponente para fora do círculo. (COELHO, 2010)

A luta **Huka-Huka** é uma prática corporal indígena ocorrida principalmente nas tribos *Kamayura* em MT no Alto Xingu, é realizado entre os jovens, o que seria da passagem jovem para a adulta. Então esses jovens na fase pubertária por volta dos 14 anos de idade são confinados recebendo ensinamento dos índios mais velhos, refeição diferenciada para limpeza corporal e melhorar o enrijecimento muscular, além dos ritos e técnicas da luta e esse período é chamado de reclusão pubertária e uma das únicas vezes que se tem uma atividade motora é quando os jovens índios visitam outras tribos e se enfrentam de caráter amistoso (FERREIRA, 2007). Originalmente o *Huka-Huka* é realizado nos festejos *Kuarup* que é uma cerimônia que em homenagem aos mortos realizada apenas por homens (MADEIRA, 2006; JUNQUEIRA, VITTI, 2009).

O *Huka-Huka* inicia-se com os dois oponentes ajoelhados, em dado momento o dono da luta, ira ate o centro e chamaram os adversários que irão girar em círculo em sentido anti-horário de frente um com outro até se entreolharem e se agarrarem permanecendo de joelhos ai sim após tentando derrubar o adversário de costas ao chão ou agarrando na região posterior dos joelhos, saindo-se vencedor o adversário que conseguiu executar as regras, é permitido durante as lutas que os adversários fiquem em pé ou agachados. Um dos detalhes importantes que nenhuma das

lutas acima permite a agressão com chutes, pontapés ou socos e estrangulamento. (COELHO, 2010; JUNQUEIRA, VITTI, 2009).

Na fase 2 foram realizadas cinco aulas em três momentos: (1) com aulas expositivas em conjunto com o PIBID história sobre os contextos históricos, culturais, direitos dos índios, órgãos que protegem estas etnias vestimentas e ornamentos; (2) aula teórica sobre as lutas indígenas; (3) aulas práticas, com aplicação de questionário diagnóstico sobre o conhecimento dos alunos sobre a temática. Nas aulas práticas não tivemos a aceitação que gostaríamos, poucos alunos participaram da atividade (06 e 12 alunos por turma). Porém, após cada aula o número de alunos foi aumentando. As aulas ficaram mais animadas e disputadas, porém com respeito de todos e vontade de praticar as lutas indígenas.

Na primeira aula realizamos jogos de oposição, com atividades de rapidez e atenção, imobilizar, reter e livrar-se, desequilibrar, conquista de objeto e de território. Na segunda aula realizamos o jogo de oposição “Pega Pena” e Bola ao Arco e contextualizamos a luta Briga de Galo. Na terceira aula realizamos um *feedback* da luta Briga de Galo e iniciamos a luta Derruba Toco. Na quarta aula relembramos a luta Derruba Toco e começamos com a luta Huka-Huka; essa luta foi rapidamente aprendida pelos alunos e foi a mais esperada por eles devido a um dos vídeos apresentados, onde o lutador Anderson Silva visitou uma aldeia indígena e lutou com os índios nesta modalidade, quase todos participaram da aula o que nos deixou muito satisfeito. Na quinta aula foram lembradas as três modalidades e apresentação das lutas pelos alunos.

A apresentação foi realizada em espaço aberto na escola para vários alunos, foram utilizados pinturas no rosto, cocares e outros materiais confeccionados na disciplina de artes. Os alunos que não participaram da apresentação nos disseram que se arrependeram, pois não imaginavam que seria ‘tão legal’!

## CONCLUSÃO

Ao realizar uma intervenção sobre lutas indígenas no ambiente escolar observamos o aumento da participação dos alunos conforme o avanço das aulas. Percebemos a importância do trabalho interdisciplinar entre as disciplinas de história, educação física e artes. Também observamos no início das atividades pouca compreensão dos alunos sobre a temática pluralidade cultural’, especialmente sobre populações indígenas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao apoio do Prof. Lucio Coraiola e os acadêmicos Carlos Eduardo Antunes, Victor Falk e Mike Douglas no auxílio durante a intervenção deste projeto.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: PLURALIDADE CULTURAL**, 2002.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: EDUCAÇÃO FÍSICA** /SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Brasília: MEC/SEF, p.70, 1998.

COELHO, L. S. **CORPO, INFÂNCIA E CULTURA: O LAZER E A CONSTITUIÇÃO DA(S) IDENTIDADE(S) DAS CRIANÇAS PATAXÓS**. In: XVI CONBRACE e III CONICE, 2009, Salvador. Formação em Educação Física e Ciências do Esporte: Política e Cotidiano, 2009.

FERREIRA, M. R. **O PROCESSO DE MUDANÇAS NA SOCIEDADE E OS JOGOS TRADICIONAIS INDÍGENAS**. In: X Simpósio Internacional: Processo Civilizador 2007, Campinas – SP.

GRANDO, B. S.; AGUIAR, E. T.; OLIVEIRA, B. M. **A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS E SUAS RELAÇÕES COM OS JOGOS INDÍGENAS DO BRASIL**. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador: CBCE, 2009.

JUNQUEIRA, C; VITTI V. T. **O KWARYP KAMAIURÁ NA ALDEIA DE IPAVU**. In: Estudos avançados. v 23, no. 65, 2009, São Paulo.

LEITE, F. F.; BORGES, R. S.; DIAS, T, L, V. **A UTILIZAÇÃO DAS LUTAS ENQUANTO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE ARAGUAÍNA-TO**. In: Revista Científica do ITPAC. v 5, n 3, 2012, Tocantins.

MADEIRA, S. P. **RITUAL DE INICIAÇÃO NO ALTO XINGU: A RECLUSÃO FEMININA KAMAYURÁ**. In: Revista de ciências humanas de Florianópolis - EDUFSC. 2006, Florianópolis – SC.

SANETO, J. G.; ANJOS, J. L. **CORPO E RITUAL NOS JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS**. In: V Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, 2012, Dourados-MS. V Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, 2012. p. 42.

SILVA, M. C. P.; CABRAL, C. O. **POVOS INDÍGENAS E RELAÇÕES AMBIENTAIS: UM OLHAR NA EDUCAÇÃO**. In: Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. CD-Rom. Recife: CBCE, 2007.